

PROYECTO POETRY'15
ARCHIVO ELECTRÓNICO DE FUENTES PRIMARIAS
TEXTOS POÉTICOS INGLESES, FRANCESES, ALEMANES, ITALIANOS Y PORTUGUESES
SOBRE LA REVOLUCIÓN LIBERAL ESPAÑOLA (1820-1823)
TEXTO INDIVIDUAL DE OBRA LUS 018

Almeida Garrett, “Aos Mortos no Campo d’Honra em Madrid” (1822)

LUS 018

João Baptista da Silva Leitão de Almeida
Garrett

“Aos Mortos no Campo d’Honra em
Madrid”

1822

Cítese como: João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. “Aos Mortos no Campo d’Honra em Madrid”.1822.Texto íntegro. Edición Proyecto POETRY 15, 2016. Archivo Electrónico de Fuentes Primarias, Cód. LUS 018. <http://www.uniovi.es/proyectopoetry15/index.php>

PROYECTO POETRY'15
ARCHIVO ELECTRÓNICO DE FUENTES PRIMARIAS
TEXTOS POÉTICOS INGLESES, FRANCESES, ALEMANES, ITALIANOS Y PORTUGUESES
SOBRE LA REVOLUCIÓN LIBERAL ESPAÑOLA (1820-1823)
TEXTO INDIVIDUAL DE OBRA LUS 018

Almeida Garrett, "Aos Mortos no Campo d'Honra em Madrid" (1822)

EPICEDIO

Aquel, a quien el mismo puso el yugo
Fue su cuchillo, e aspero verdugo.

.....
Y de mortales hombres oprimiendo,
De adquirir libertad determinado,
Reprovando el subsidio padecido,
Acude al ejercicio de la espada
Ya por la pax ociosa desusada.

D. Al. De Ercilla y Çuniga. Arauc. Cant. I

Voz de norte soou: e o écho fúnebre
Do Mançanares retinio no Tejo
Brado, que ouvimos, que nos feres n'alma,
Que vens trazer-nos? – "Liberdade eu trago,"
Oh! que esta he voz de gloria!...He gloria...he vida:
Nem outra vida, a coração que he d'homem,
A natureza deo; nem outra norte
Que algemas, e grilhões. Nestes só vive,
Não, só vegeta miserando escravo:
E do escravo a existencia he vida d'homem?
Oh! não. He sangue torpe, e froxo, e fraco,
Que nem lhe leva ao coração heivado,
Nem vem trazer-lhe ao corpo mal fornido
Principio nobre de vital alento.

E sois escravos, Hespanhoes briosos?
Não, que forças não ha que valhão tanto.
Como ousa pois, como se atreve a norte
A hastear a fouce nos torreões da Hesperia?

Co'as azas cor dos tábidos sepulchros

PROYECTO POETRY'15
ARCHIVO ELECTRÓNICO DE FUENTES PRIMARIAS
TEXTOS POÉTICOS INGLESES, FRANCESES, ALEMANES, ITALIANOS Y PORTUGUESES
SOBRE LA REVOLUCIÓN LIBERAL ESPAÑOLA (1820-1823)
TEXTO INDIVIDUAL DE OBRA LUS 018

Almeida Garrett, "Aos Mortos no Campo d'Honra em Madrid" (1822)

Tapára o lume ao sol noite de engano.
Por entre as sombras do nublado escuro
Vaga negra traição de aspecto horrendo;
Na dextra, que lhe treme de cobarde,
Traz o punhal de Sylla; pende a esquerda
De Catilina infame a crua adaga.
Frente, que em rugas lhe encrespára a astucia,
Cinge-lha em tórno salpicada em sangue,
Dourado ao ver-se, e ferreo na estrutura,
O diadema de Julio. O grito árdido,
O brado de honra, que a peleja avoca,
Não o dá essa infame: a furto, a medo
Vai com tremulo accento despertando
Almas como ella timidas, cobardes,
Tão promptas à traição como à deshonra,
Tão faceis no esgrimir punhaes no escuro,
Quanto em fugir da espada que lampeja
No campo aberto da franqueza ousada.
Lá vão, que a seguem ávidos de mando,
Os que d'um povo inteiro o jus pertendem
Concentrar só em poucos. Lá se ajunta
D'entórno à cruz por elles profanada
A tribu de Levi, sequiosa d'ouro,
Tribu, que as honras, que as riquezas foge,
Que em nada as pompas avalia, e préza,
Por mais honras, mais pompas mais riqueza
Ir furtiva usurpando ao povo illuso.

 Onde, ó monstros? onde ó gente indigna?
Ao alcaçar da augusta liberdade?
Que! Pensaes que de assalto heis-de tomallo?

PROYECTO POETRY'15
ARCHIVO ELECTRÓNICO DE FUENTES PRIMARIAS
TEXTOS POÉTICOS INGLESES, FRANCESES, ALEMANES, ITALIANOS Y PORTUGUESES
SOBRE LA REVOLUCIÓN LIBERAL ESPAÑOLA (1820-1823)
TEXTO INDIVIDUAL DE OBRA LUS 018

Almeida Garrett, “Aos Mortos no Campo d’Honra em Madrid” (1822)

Julgais que dormem os heroes que o guardão?
Tem mil Camillos por um Brenno a Hespanha,
E por cem vis punhaes milhões de espadas,
Que alerta velão, que rompentes correm,
“Alerta, alerta” de Riego soa
Brado libertador, a voz d’honra, e gloria:
E á voz de Riego batalhões se apinhão,
E de Morillo á voz campeões se adunão,
Crescem, redobião co’frequente povo.

Fi-lo em tórno da arvore sagrada,
Que inda infante crescia, e que esses monstros
Querião dar-lhe ao vento a raíz terra!
Ei-los em tórno, que os briosos peitos
Ao bronze offrecem que lhes traz a norte.
Ei-los o braço ao braço, a espada à espada
Do amigo que o foi já, do pay que o nega,
E do irmão que o não, bramindo encontrão;
Só patria he tudo em corações só livres;
Laços da natureza estão cortados:
E quem os quebra? – Vós, escravos tredos,
Vós lhe desdais os nós, e co’impio ferro
De golpe lhe cortais prisões sagradas.

Mas oh! que em vão rugis de insania, infames;
Não vale mão de escravo a acertar bote
Em peito livre, em coração que he d’homem.
Juncada a terra de golpeados membros
Soffrega bebe denegrado sangue
Desses, que homens já forão, monstros hoje.
E o sangue impuro, que espadena a jôrro,
E a froxo corre esfriadas veas

PROYECTO POETRY'15
ARCHIVO ELECTRÓNICO DE FUENTES PRIMARIAS
TEXTOS POÉTICOS INGLESES, FRANCESES, ALEMANES, ITALIANOS Y PORTUGUESES
SOBRE LA REVOLUCIÓN LIBERAL ESPAÑOLA (1820-1823)
TEXTO INDIVIDUAL DE OBRA LUS 018

Almeida Garrett, "Aos Mortos no Campo d'Honra em Madrid" (1822)

La vai regar essa arvore sagrada
Da vivedoura, augusta liberdade;
Escassas, e pobre se a não rega o sangue
Do que à nascença lhe pragueja a planta.
Do que só lhe agourou, só lhe deseja
Granizo queimador, rufão de norte.
Oh! corra-lhe ese sangue abominavel,
E vereis, e vereis como ella cresce.

Louvor ao povo illustre que o derrama,
Louvor te seja Matritense povo!
Pregões de gloria te vozeie a fama.
Louros, que cinges... Ah! bem vejo: os louros
C'o verdenegro do cypreste enlaças;
O grito da victoria entre ays se perde,
Que a dor arranca dos sentidos peitos.
Ah! chorais sobre irmãos: foi caro o preço:
He bem duro morrer por mãos de escravos.
Mas pela patria, sôbre o campo d'honra,
Martyres della... Oh! gloria, e gloria excelsa!
Esses luctos, rasgai-mos: essa coroas
De cypreste feral longe da campa.
Por endeixas de norte, hymnos de vida,
Por tristes nenias, cantos festivos!
Esse ataúde, que lhe leva as cinzas,
He cofre d'ouro, que heroismo encerra,
He thesouro de gloria, e liberdade,
He monumento de nobreza eterna,
He memoria ao porvir, he brado ingente
Que irá no longe curso das idades
De geração em geração clamando:
"Tremei no salia, ó despotas da terra."